

Técnica de 4.000 mil anos na UDF

Texto: Max de Queiroz
Fotos: Cecé

Em novembro teremos em Brasília uma exposição plástica dos trabalhos de Josélia Costandrade, filha do príncipe dos poetas de Brasília e fundador da Academia dos Rebeldes junto com Jorge Amado, o poeta José Severiano da Costa Andrade. A exposição será realizada na UDF a convite do coordenador de Sociologia Hamilton Mendonça. Josélia Costandrade pinta e desenha desde que começou a tomar contacto com o mundo exterior. É inteiramente livre quando cria, no momento que começa a criar transforma-se num ser à parte, embora inteiramente inserida no contexto que tenta transmitir. Sua criação artística é uma consequência da necessidade existencial de sobreviver, através de um pensamento onde nada e ninguém pode interferir. Sua obra não sofre imposições, não está sujeita à censura, não se destina ao sucesso fácil, nem à admiração barata. Não protesta, não contesta, não recorre a efeitos visuais fáceis, procura defrontar-se consigo mesma, sem intermediários, nos momentos de criação. Jamais se considerou uma artista realizada, não são os prêmios ou a valorização financeira que a fariam pensar o contrário. Pensa contudo que nenhum verdadeiro artista sentiu, por nenhum momento, ter atingido aquele climax, em que nada mais desejou. Cada trabalho que inicia, é encarado seriamente, como uma trilha que deve se-

guir até o fim. Quando atinge o seu final, sempre fica com a certeza que poderia ter sido melhor. Os trabalhos de Josélia retratam com fidelidade seu mundo interior. Mas de que maneira, fidelidade e justeza poderiam significar um produto da criação de um artista, se não contivessem a sua própria essência? Não possui o sentido das mutações, dessa maneira, pinta e desenha com tranquilidade, sem necessidade de demonstrar uma mobilidade que não possui ou seguir os passos dos últimos critérios da arte. Os modismos não exercem a menor atração sobre ela. Se considera uma profissional em todos os sentidos, trabalha com segurança, jamais por esporte ou diletantismo. Vende relativamente caro os seus trabalhos. Estudou anos seguidos, com o sentido de organização espartana.

Muita gente imagina erroneamente que o artista não pensa enquanto cria, o que se constitui num sério erro. A arte sempre foi um produto da inspiração e da técnica do artista, sem um ou outro, não existe a arte e sim, um resultado confuso de idéias confusas. Hegel afirmou, que a música é relação de inúmeros sentidos, o que explica a ligação íntima entre o poder de criação e o poder de transmissão, através de idéias lapidadas e orientadas.

Josélia domina todas as técnicas do desenho e da pintura, nisto não havendo nada de extraordi-

nário, segundo ela mesma estudou rigorosamente todas as nuances técnicas que envolvem a arte de pintar e desenhá-la. Formou-se pela Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro, onde cada professor é um artista e o tratamento dispensado aos alunos, é o de cordial camaradagem. Naquelas paredes Neoclássicas, respira-se um ar diferente, tudo cria condições ideais para um estudo minucioso da forma e da cor elementos básicos com que o artista plástico pode contar para a criação do seu universo. Na velha Escola, por onde passaram grandes nomes das artes, como Pedro Américo e Oscar Niemeyer, ela aprendeu uma coisa essencial; a humildade. Seus recursos plásticos não representam problemas, utiliza materiais que lhe asseguram as maiores possibilidades visuais; pigmentos e aglutinantes, recebem um tratamento para que possibilitem um resultado realmente compensador. Em desenho, usa diferentes materiais e técnicas; aquarela, guache, nanquim (aguada e bico de pena), crayon, fousin, pastel, cera, técnicas mistas e sanguíneas. Em pintura, utiliza o óleo, acrílico e a encaústica, a última, uma técnica de quatro mil anos, tendo sido muito usada no antigo Egito, resistindo até

hoje, com toda a sua beleza. Gosta das formas e das cores, as estruturas a fascinam; gosta de construí-las, muitas vezes com um sentido de pers-

pectiva. Desenha tudo: paisagens, retratos, casarios, marinhas, naturezas mortas, cenas de interior e de exterior, cenas de costumes, flores e animais. Sua pincelada é larga, usa pincéis largos de cerdas finas, considera a textura uma qualidade essencial na pintura, sua palheta tem as cores necessárias para uma boa visualização, não usa os pigmentos à base de anilina, incluindo neles, as lacas, o verde veronese, o azul da Prússia e o Bruno Van Dick, bonitos mas extremamente perigosos. Não é detalhista, trabalha sempre no sentido do "todo", nunca se prendendo por muito tempo a um determinado plano de trabalho, em detrimento de outro. Leva em conta a composição, modulação, entonação e o ritmo.

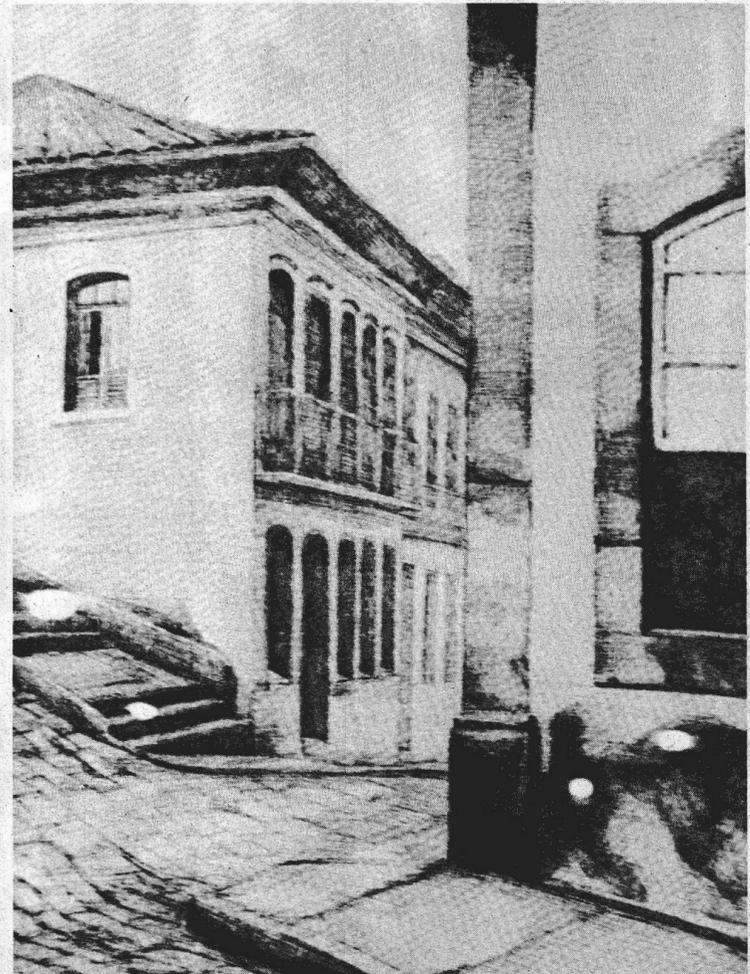
Josélia já participou de várias exposições; Exposição patrocinada pelo Governo do Estado do Piauí, VIII Salão de Alunos da Escola de Belas Artes, UFRJ, Feira Brasileira do Atlântico, pavilhão de São Cristóvão, Rio de Janeiro, Salão do Artista Nacional do Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro, 1ª Feira de Arte da Escola de Belas Artes no Rio de Janeiro, Salão do Artista Plástico em Brasília D.F.

Pretende fundar no próximo mês de agosto, junto com a pintora moderna Néli Indig, um curso de pintura e desenho, com currículos especiais para cada idade, bolsas de estudos, história da arte etc.



"Ouro Preto"; bico-de-pena em papel Fabiano, onde os diversos elementos componentes do quadro, ajustaram-se por meio do emprego da perspectiva e dolo. Foram utilizadas duas linhas de horizonte e diversos pontos de fuga, com a intenção de dotar o desenho de sentido tridimensional.

Josélia Costandrade utiliza em seus trabalhos a encaústica, técnica utilizada pelos egípcios a 4 mil anos. Em novembro fará uma exposição na UDF.



Rua de Ouro Preto: "bico-de-pena em papel canson". O movimento foi dado pelo emprego das linhas inclinadas, que equilibram a presença macissa das estruturas verticais da paisagem